



GOIS, Guilherme Andrade. *Revolução Pernambucana*, de Medeiros Braga. In: **Revista Épicas**. Ano 5, N. 10, Dez 21, p. 185-191 . ISSN 2527-080-X. DOI: <http://dx.doi.org/10.47044/2527-080X>

REVOLUÇÃO PERNAMBUCANA, DE MEDEIROS BRAGA
REVOLUÇÃO PERNAMBUCANA, BY MEDEIROS BRAGA

Guilherme Andrade Gois¹

RESUMO: Apresentação dos estudos iniciais do Projeto de Iniciação Científica Mapeamento do cordel épico cearense (PIBIC/UFS/DLI), com foco na análise do cordel épico *Revolução Pernambucana*, de Medeiros Braga, destacando seu plano histórico e figuras do heroísmo coletivo presente na obra.

Palavras-chave : Cordel épico, plano histórico, *Revolução Pernambucana*.

ABSTRACT: Presentation of the initial studies of the Scientific Initiation Project Mapping the Ceará epic cordel (PIBIC/UFS/DLI), focusing on the analysis of the epic cordel *Revolution Pernambucana*, by Medeiros Braga, highlighting its historical plan and figures of collective heroism present in the work .

Keywords : Epic cordel, historical plan, *Revolução Pernambucana*.

O gênero épico, manifestação literária firmada teoricamente por Aristóteles em sua *Poética* e perpetuada por Horácio e tantos outros pensadores, configura-se, hoje, como um meio de reafirmação de identidades culturais diante do enfraquecimento das fronteiras geográficas culminado com a globalização, e pressupõe um registro atemporal dos povos aos quais se relaciona (RAMALHO, 2017). Caracterizadas pela presença de uma matéria épica, que revela uma fusão entre os planos histórico e maravilhoso, as formas épicas são fontes de reflexões sobre acontecimentos e personagens que compõem o imaginário das realidades culturais às quais se relacionam.

¹ Graduando do Curso de Letras da Universidade Federal de Sergipe, campus Itabaiana. Pesquisador voluntário PIBIC vinculado ao projeto Mapeamento do folheto de cordel cearense, da Profa. Dra. Christina Ramalho.

É interessante notar, no entanto, que parte da crítica considerou a epopeia como manifestação literária esgotada a partir do século XVIII, uma vez que sua formação clássica, representada pela narração dos feitos de heróis em grandes batalhas com seres reais e/ou mitológicos, já não parecia compatível com a realidade do mundo moderno. Contudo, ao se observarem as manifestações literárias do século XVIII em diante, com as corretas lentes teórico-críticas, é indiscutível afirmar que os gêneros não entram simplesmente em decadência, mas se transformam para agregar valor ao tempo e ao espaço nos quais escritores e escritoras se inserem. Assim, é correto afirmar que o gênero épico transformou-se ao longo do tempo, refletindo a transformação necessária para continuar a reafirmar culturalmente a identidade dos povos.

Considerando as mais diversas manifestações passíveis de serem associadas ao épico, é válido mencionar os folhetos de cordel. De forma contextualizada com a história, é importante citar que o folheto de cordel brasileiro é uma produção literária nordestina, que se espalhou por outras regiões do país, e caracteriza-se como relatos em formato de verso compostos dentro de livretos que são vendidos em feiras livres. A capa geralmente apresenta uma ilustração frontal feita com a técnica da xilogravura, e os folhetos são expostos para serem vendidos em barbantes chamados de “cordéis”. Em relação à temática, Ariano Suassuna consagrou a seguinte divisão de temas nos folhetos: ciclo heroico, ciclo maravilhoso, ciclo religioso e de moralidades, ciclo cômico, satírico e picaresco, ciclo histórico e circunstancial e ciclo de amor e fidelidade (DECA, 1962, 28). O gênero folheto de cordel (RAMALHO, 2020), em alguns casos, apresenta matérias épicas, o que faz com que possam ser lidos a partir de teorias épicas. É possível, portanto, reconhecer em folhetos de cordel a presença de matérias épicas, cujas temáticas denotam a amálgama entre os planos histórico (centrado em referentes históricos) e maravilhoso (centrado nos referenciais míticos) e, além disso, identificar, nesses folhetos, a dupla instância de enunciação, marcada por um eu-lírico/narrador, uma vez que é um poema conduzido por um fio narrativo. Ademais, nos cordéis épicos, há a presença do heroísmo épico, com heróis e/ou heroínas locais, nacionais, universais, etc, ou então eventos de grande impacto que simbolizam o heroísmo.

O folheto de cordel épico aqui analisado é *Revolução Pernambucana* (2019), de Medeiros Braga (1941), natural de Nazarezinho, cidade do estado da Paraíba. Além de economista e romancista, Braga é poeta, e seus cordéis já foram cedidos para vários portais educacionais do país. O site <https://alfaomega.com.br/autores/medeiros-braga/> informa que:

(...) o autor não abre mão de um conceito: mudar o povo para mudar o mundo. Para ele não há como transformar os costumes, modificar a cultura errada de um povo, sem que se dê através de um trabalho demorado de conscientização política. Não adianta governos bem-intencionados com um povo desprovido de educação em bom nível.

e isso denota o engajamento político do escritor em suas obras para trazer uma conscientização popular que visa estimular a sociedade a buscar um mundo mais justo para todos.

Estruturalmente, o folheto de Medeiros Braga é composto por 96 septilhas, totalizando 672 versos em redondilha maior, com a seguinte disposição de rimas: a b c b d d b, em 24 páginas. A capa contém uma ilustração intitulada “Bênçãos das bandeiras da Revolução de 1817”, feita pelo artista Antonio Parreiras, e o folheto não apresenta ilustrações internas.

Revolução Pernambucana retrata os feitos do povo pernambucano e de alguns heróis explicitamente referenciados que lutaram na Revolução ocorrida em 1817 frente à insatisfação com a Coroa portuguesa. O plano de fundo histórico, que acompanha toda a narrativa do folheto se une ao plano maravilhoso para aludir a um dos principais momentos de descentralização política pelo qual o Brasil Colônia passou.

Outra categoria épica presente no folheto é o heroísmo épico. A figura do herói, nesse caso, é coletiva, pois é formada por múltiplas personagens históricas e anônimas. O heroísmo, portanto, pauta-se naqueles que bravamente lutaram para a mudança do cenário da Capitania de Pernambuco. Um dos principais heróis citados é o povo, que assumiu a responsabilidade de mostrar a insatisfação contra o governo; além disso, são marcadas figuras reconhecidas na história que também participaram da revolução, com destaque para Domingos Jorge Martins (que possuía afinidade com escravos e alforriados), Padre João Ribeiro (que se utilizava do sermão e do ideário aprendidos no Seminário para persuadir todos sobre a importância da Revolução), Frei Caneca (que almejava a igualdade para todos os trabalhadores e um país livre da Coroa portuguesa), José de Barros Lima (que era patriota e estava insatisfeito; sendo figura fundamental para o início da insurreição), Vigário Tenório (que, com sua oratória, conseguiu angariar muitas pessoas para a revolução), Antônio Carlos de Andrada e Silva (que desejava a independência brasileira frente ao contexto colonial) e Bárbara de Alencar (uma revolucionária que se juntou ao movimento e foi descrita como uma mulher à frente de seu tempo, devido ao seu pensamento utopista de aderir à revolução e lutar bravamente naquele momento histórico). Trata-se, assim, de um heroísmo histórico coletivo cuja ação heroica baseia-se em feitos políticos.

O plano maravilhoso, intrinsecamente ligado às fontes míticas, é muito peculiar e sua dimensão mítico-simbólica se insere no momento em que há o anseio dos revolucionários de que a Revolução consiga chegar até o fim dos objetivos. Isso é marcado, por exemplo, nos versos:

Mesmo assim, em revelia,
Não deu fim a utopia
Que mantinha tão sagrada.
(BRAGA, 2019, p. 24)

Isso denota a sacralidade do utópico anseio de mudar a realidade até então existente naquele momento. O maravilhoso também se faz presente quando o cordel acentua a “predestinação”, por exemplo, de Bárbara de Alencar, que teria nascido para ser revolucionária, como podemos ver nos seguintes versos :

Predestinada, aguerrida,
Faria tudo na vida
Para mudar a conduta.
(BRAGA, 2019, p. 24)

Outra categoria bastante relevante relacionada ao caráter épico do cordel é a proposição. A proposição épica é uma parte da epopeia em que o eu-lírico/narrador explicita a matéria épica de forma sintetizada. No cordel de Braga, a proposição evidencia-se na primeira estrofe :

Narrarei por esses versos
A grande 'REVOLUÇÃO
PERNAMBUCANA', que foi
Da maior repercussão...
Por república verdadeira
Do Brasil, foi a primeira
E mais brava insurreição.
(BRAGA, 2019, p. 1)

Essa proposição é referencial, uma vez que explicita, com contextualização, o conteúdo da matéria épica, e apresenta um centramento temático no plano histórico.

Por fim, é deveras importante destacar a categoria “plano histórico” no folheto de Medeiros Braga, uma vez que essa categoria épica predomina em toda a narrativa. Como sabemos, o plano histórico vincula-se aos aspectos historiográficos de uma nação, uma região, um continente, e os feitos históricos, fragmentados ou não, propiciam múltiplos olhares sobre as culturas aos quais se relacionam. No folheto *Revolução Pernambucana*, o plano histórico aborda, inicialmente, a influência da Revolução Francesa, com o lema “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, o desenrolar da Revolução Pernambucana nas províncias principalmente nordestinas, até chegar ao desfecho da revolução.

De acordo com a historiografia relativa ao período da Revolução Pernambucana, é importante citar que, com a chegada da Família Real em 1810, a carga tributária foi ampliada para pagar os custos da Corte. Isso aprofundou a situação de debilidade econômica da capitania de Pernambuco, que vivia uma crise agrícola relacionada à baixa dos preços do açúcar e do algodão, gerando ainda mais insatisfação popular.

O movimento emancipacionista pernambucano buscava a instalação de uma república e contava com a participação de advogados, padres e comerciantes que, influenciados pelas ideias libertárias das Revoluções Francesa e Americana, reivindicavam a separação da metrópole lusa e a plena liberdade de expressão (MOTA, 1972). O historiador Carlos Guilherme Mota, em *Nordeste 1817: estruturas e argumentos*, menciona esse contexto :

O ano de 1817 registra para o Nordeste um amplo movimento insurrecional – não ousaríamos dizer revolucionário – ao qual não estiveram indiferentes as massas populares. Não se trata mais também, de movimentos circunscritos aos núcleos urbanos, ou às elites insatisfeitas com o peso da tributação. Um projeto revolucionário foi esboçado e tentou-se a desarticulação da ordem escravocrata, sem êxito: o poder foi tomado a 06 de março e, em Recife, polo dinamizador de vasta hinterlândia, os insurgentes permaneceram 74 dias na direção da “república”, operando no núcleo dos encadeamentos em curso (MOTA, 1972, p. 1-2).

Por sua vez, o historiador José Honório Rodrigues, no prefácio dos chamados *Documentos históricos*, da Biblioteca Nacional nos conta que :

Não foi o ódio contra os portugueses, nem contra os reinóis prepotentes a causa imediata da rebeldia, como parece crer grande parte de nossa historiografia, baseada na ordem do dia de 4 de março de 1817 e na interpretação contemporânea de Muniz Tavares, o cronista da Revolução. Os portugueses, diz este, reputavam-se únicos senhores do país, que os acolhia e os elevava: nascer brasileiro era um título de inferioridade. Se devemos considerar a Independência como a tradução da consciência de superioridade a Portugal, como queria Capistrano de Abreu, a Revolução de 1817, cinco anos antes, representa a primeira emoção de superioridade, a primeira revelação de um sentimento nacional de responsabilidade, o nascimento da decisão de criar uma nação livre, independente, inspirada em ideologia universal, animada pela fé irredutível no progresso humano, que o 7 de setembro veio a consagrar com a independência e as garantias constitucionais (RODRIGUES, 1955, p. II)

Segundo essas fontes, dentre os líderes dos revoltosos, destacam-se os nomes de Domingos José Martins e de Miguel Joaquim de Almeida e Castro, que derrubaram o governo local e estabeleceram uma república, cancelando os tributos e decretando plena liberdade política, com Recife como sede revolucionária.

O caráter libertário do movimento acabou incomodando a classe elitizada e a aristocracia, mesmo observando que o novo governo revolucionário conservava a propriedade privada, pois sentiram-se ameaçados pelos ideais abolicionistas dos integrantes do movimento.

O governo republicano durou pouco mais de dois meses, pois, diante da desarticulação interna, o movimento ficou cada vez mais frágil, sofrendo com as intervenções das tropas portuguesas advindas da Bahia e do Rio de Janeiro. Muitos líderes foram presos e outros executados, como era de se esperar diante de movimentos contestatórios. Mas, de acordo com a *Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano* (RIAHGP), os ecos da Revolução de 1817 reverberaram na Proclamação da República, em 1889 :

A 19 de maio do ano de 1817 era definitivamente abafada a semente republicana e presos os principais chefes do patriótico e glorioso movimento. Não contavam, pois, os déspotas de então que o sangue daqueles bravos fecundaria a terra que lhes serviu de berço frutificando em 1889 a semente que haviam semeado com tanta coragem e tanto sacrifício (RIAHGP, 1918, p. 20).

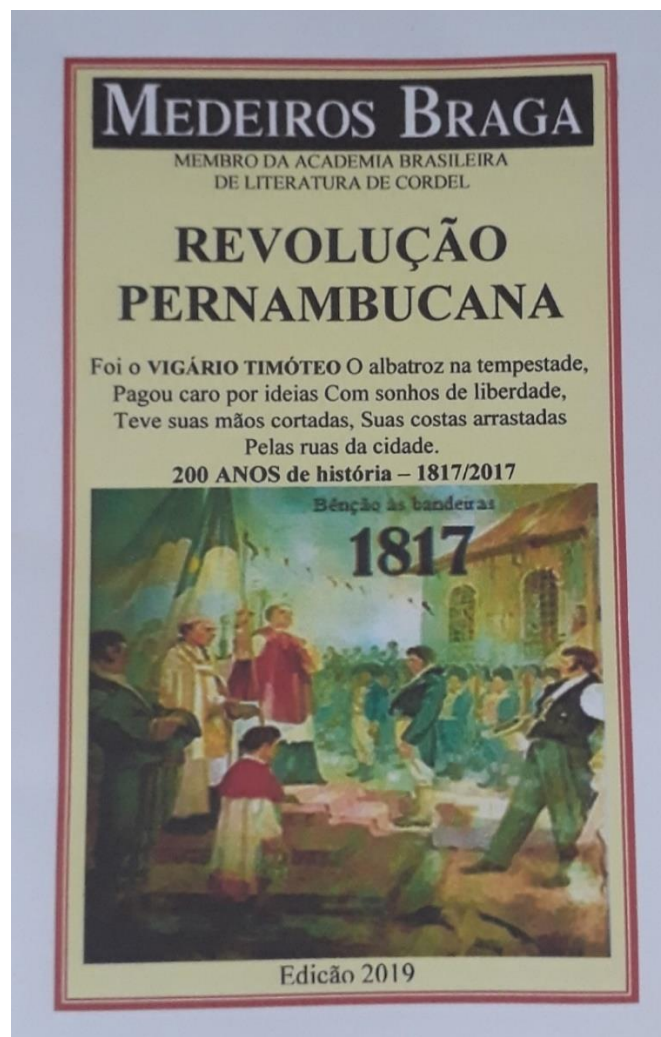
De forma conclusiva, é bastante importante mencionar que Medeiros Braga, a partir do contexto histórico da Revolução Pernambucana, construiu o folheto de mesmo nome para narrar os feitos épicos ocorridos e dar voz aos que tiveram seus ideais cerceados pela elite portuguesa dominante.

Outrossim, com a leitura do folheto supracitado, é evidente como Medeiros Braga concebe a influência da Revolução nos dias de hoje, uma vez que os problemas existentes na contemporaneidade ocorrem, em muitos aspectos, ainda por conta da estrutura social estabelecida no período colonial, e é essa estrutura a causadora de inúmeros problemas políticos, socioculturais e econômicos. Nesse sentido, Manuel Correia de Andrade, no prefácio da obra *Pernambuco 1817: estrutura e comportamentos sociais*, cita a crise econômica que ocorreu na década de 1980 no país como uma das inúmeras reverberações advindas da estrutura estabelecida no Período Colonial :

/.../ [a] problemática atual [...] além de econômica é social e política. Isto porque a crise atual é, em grande parte, o resultado de um processo que se iniciou com a implantação da colonização portuguesa no Brasil e com a permanência de muitas das estruturas, então implantadas e desenvolvidas, adaptadas, com pequenas modificações, aos desafios que se apresentam. Os grupos e classes dominantes têm, até hoje, conseguido, com a cooptação de alguns elementos oriundos das classes dominadas, manter um sistema profundamente favorável a uma forte estratificação social, ligada a uma estratificação étnica e cultural (ANDRADE, in LEITE, 1988, s/p).

O folheto *Revolução Pernambucana* é, assim, uma manifestação literária que, ao celebrar feitos heroicos, nesse caso, a Revolução Pernambucana e sua luta pela conquista da liberdade, por meio de uma voz lírica e narrativa, se traduz como um cordel épico, resultando no folheto em que Medeiros Braga, orgulhosamente, refletiu sobre a identidade política e cultural pernambucana e nordestina e manteve o registro atemporal da cultura e da história dos habitantes da região no contexto de 1817.

Concluo apresentado a capa do folheto :



Referências bibliográficas

ANDRADE, Breno. Duzentos anos de 1817: caminhos historiográficos e algumas discussões sobre a revolução pernambucana. **OP SIS** (On-line), Catalão, v. 17, n. 1, p. 121-134, jan./jun., 2017. Consulta realizada em 20/10/2021.

ANDRADE, Manuel Correia de. Prefácio. In : LEITE, Glacyra Lazzari. **Pernambuco 1817: Estrutura E Comportamentos Sociais**. Recife : Fundacao Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 1988.

BRAGA, Medeiros. **Revolução pernambucana**. Fortaleza : Ed. Do Autor, 2019.

MOTA, Carlos Guilherme. **Nordeste 1817: estruturas e argumentos**. São Paulo: Perspectiva e Editora da Universidade de São Paulo, 1972.

RAMALHO, Christina. O folheto de cordel épico. In : In: VILA MAIOR, Dionísio; FONTES, Maria Aparecida (Orgs.). **Multiculturalismo épico**. Lisboa: CLEPUL, 2020, p. 113-130.

RAMALHO, Christina. **A cabeça calva de Deus, de Corsino fortes : o epos de uma nação solar no cosmos da épica universal**. 2a. Ed. Natal : LucGraf, 2017.

Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano. N. 20, 1918. Disponível em : <https://www.ihgb.org.br/pesquisa/hemeroteca/periodicos/item/99690-revista-do-instituto-arqueol%C3%B3gico,-hist%C3%B3rico-e-geogr%C3%A1fico-pernambucano.html>. Consulta realizada em 20/10/2021.

RODRIGUES, José Honório. Prefácio. In : **Série Documentos históricos**, 1955, P II. Disponível em : <http://bndigital.bn.gov.br/artigos/documentos-historicos/>. Consulta realizada em 20/10/2021.

Site consultado: <https://alfaomega.com.br/autores/medeiros-braga/>. Consulta realizada em 20/10/2021.